

MAIS DE 70 MILHÕES DE LIVROS VENDIDOS NO MUNDO



ALTA TENSÃO

HARLAN COBEN

Uma história de Myron Bolitar



ARQUEIRO

*Para Anne,
porque o melhor ainda está por vir*

CERTA VEZ UM AMIGO DISSERA a Myron que a mais terrível verdade ainda é melhor que a mais bela mentira.

Era nisso que Myron pensava, olhando para o pai na cama do hospital. Estava tendo um flashback da última vez em que mentira para ele, 16 anos antes, uma mentira que havia causado desolação e mágoa e iniciara uma onda de destruição que, tragicamente, culminava ali.

Os olhos de seu pai permaneciam fechados; a respiração, pesada e irregular. Parecia haver tubos por toda parte. Myron observou o braço do pai. Lembrou-se do tempo em que era menino e ia visitá-lo na fábrica em Newark, de como o pai puxava as mangas da camisa para trabalhar em sua mesa gigantesca. Na época, era um braço musculoso, que ficava apertado nas dobras do tecido como se elas fossem um torniquete. Agora os músculos pareciam ter perdido densidade, ter murchado com o passar dos anos. O peito largo que tantas vezes fizera Myron se sentir tão protegido continuava ali, mas estava frágil e dava a impressão de que a caixa torácica poderia quebrar ao menor peso, como se fosse formada por gravetos. O rosto tinha a barba por fazer, mas, em vez da sombra causada pelo crescimento dos pelos, havia manchas cinzentas e, ao redor do queixo, a pele pendia frouxa como uma capa excessivamente larga.

A mãe de Myron – esposa de Al Bolitar nos últimos 43 anos – estava sentada junto à cama. Segurava a mão do marido, a dela trêmula por causa da doença de Parkinson. Sua fragilidade também era assustadora. Quando jovem, tinha sido uma das pioneiras do feminismo. Havia queimado sutiãs com Gloria Steinem e usado camisetas com dizeres como “Lugar de mulher é em casa... e na Câmara e no Senado”. Agora ali estavam os dois, Ellen e Al Bolitar (“Nós somos o casal El-Al”, a mãe costumava brincar, “igual à empresa de aviação israelense.”), ambos consumidos pelo avançar da idade, mas ainda aguentando, muito mais afortunados do que a grande maioria dos casais idosos – ainda que a sorte, no fim das contas, fosse aquilo.

Deus tem mesmo senso de humor.

– Então – disse a mãe de Myron bem baixinho –, estamos combinados?

Myron não respondeu. A mais bela mentira versus a mais terrível verdade. Ele devia ter aprendido a lição há 16 anos, com a última mentira que contara àquele grande homem, a quem amava mais do que a qualquer outro. Mas não,

não era tão simples assim. A mais horrenda verdade podia ser devastadora. Podia virar o mundo de cabeça para baixo.

Podia até matar.

Assim, quando as pálpebras de seu pai se abriram com um tremor, quando o homem a quem Myron mais estimava no mundo ergueu os olhos para o filho mais velho com uma incompreensão suplicante e quase infantil, Myron olhou para a mãe e aquiesceu devagar. Então reprimiu as lágrimas e se preparou para contar ao pai a mentira final.

2

Seis dias antes

— **M**YRON, POR FAVOR, preciso da sua ajuda.

Para ele, parecia um delírio: a donzela em perigo adentrava sua sala rebolando, deslumbrante e curvilínea, como uma personagem dos filmes de Humphrey Bogart. Bem, tirando o fato de o rebolado lembrar o andar de uma pata e as curvas delinearem o oitavo mês de gestação da deslumbrante donzela. Isso meio que arruinava qualquer fantasia.

Seu nome era Suzze Trevantino, ou Suzze T., como ficara conhecida a estrela do tênis agora aposentada. Nos campeonatos, Suzze era sempre a *bad girl* provocante, mais notória por suas roupas ousadas, piercings e tatuagens do que por suas jogadas. Mesmo assim, tinha vencido um torneio importante e ganhado uma fortuna fazendo anúncios publicitários. Entre outros contratos, era a porta-voz (Myron adorava esse eufemismo) da rede de bares de topless La-La-Latte, sucesso entre os universitários por causa do “leitinho extra”. Bons tempos aqueles.

Myron abriu os braços.

– Estou ao seu dispor, Suzze, 24 horas por dia, sete dias por semana. Você sabe disso.

Estavam no escritório da Park Avenue, sede da MB Representações. O M era de Myron e o B, de Bolitar. O “representações” era pelo fato de a agência representar atletas, atores e escritores. Sim, nós somos criativos.

– É só me dizer o que eu posso fazer.

Suzze começou a andar de um lado para o outro.

– Não sei muito bem por onde começar – disse ela.

Myron estava prestes a dizer algo quando ela ergueu a mão, fazendo-o parar.

– Se ousar dizer “comece pelo começo”, eu arranco uma das suas bolas.

– Só uma?

– Você está noivo. Tenho que pensar na coitada da sua futura esposa.

Os passos dela se transformaram em algo mais parecido com uma marcha militar, aumentando tanto em velocidade e força que Myron teve medo de que ela entrasse em trabalho de parto ali mesmo, na sua sala recém-reformada.

– Ei, o carpete – disse ele. – É novo.

Suzze franziu o cenho, andou mais um pouco pela sala e começou a roer as unhas pintadas com um esmalte chamativo.

– Suzze?

Ela parou. Seus olhares se cruzaram.

– Fale comigo – disse ele.

– Você se lembra de quando nos conhecemos?

Myron fez que sim com a cabeça. Havia sido poucos meses depois de ele ter terminado a faculdade de direito. Estava começando seu negócio e a firma ainda se chamava MB Representações Esportivas, porque na época Myron agenciava apenas atletas. O “esportivas” havia saído do nome depois que ele começou a representar celebridades, atores, escritores e outros expoentes das artes.

Sim, nossa criatividade já despontava naquela época.

– Claro que lembro – respondeu ele.

– Eu era muito louca, não era?

– Você era um grande talento do tênis.

– E muito louca. Deixe de ser vaselina.

Myron ergueu as mãos, rendido:

– Você tinha 18 anos.

– Não, 17.

– Que seja.

Ele teve uma rápida lembrança de Suzze ao sol: cabelos louros presos em um rabo de cavalo, sorriso malicioso, uma direita tão forte que ela parecia estar com raiva da bola.

– Você tinha acabado de virar profissional. Os adolescentes penduravam pôsteres seus no quarto. Todo mundo esperava que você fosse derrotar as lendas do esporte num piscar de olhos. E a pressão dos seus pais era enorme. É um milagre você ter sobrevivido.

– Verdade.

– Qual é o problema, então?

Suzze baixou os olhos para a própria barriga como se ela houvesse acabado de surgir.

– Eu estou grávida.

– Bom, é, dá para ver.

– A vida é boa, sabe? – continuou ela, a voz assumindo um tom suave, sonhador. – Depois de todos esses anos em que eu fui muito louca... conheci Lex. As músicas dele nunca estiveram tão boas como agora. Minha academia de tênis vai de vento em popa. E, bom, está tudo indo tão bem.

Myron aguardou. Os olhos dela continuavam pregados na própria barriga, ninando-a como se já fosse o bebê – o que, de certa forma, era. Ele tentou manter a conversa fluindo:

– Você gosta da ideia de estar grávida?

– De carregar um bebê na barriga?

– É.

Ela deu de ombros.

– Não posso dizer que fique radiante. Na verdade, estou louca para que o parto chegue logo. Mas isso é mesmo interessante. Algumas mulheres adoram estar grávidas.

– E você, não?

– Tenho a sensação de que alguém estacionou uma escavadeira na minha bexiga. Acho que as mulheres gostam de estar grávidas porque se sentem especiais por isso. Como se virassem uma celebridade. A maioria delas passa a vida inteira sem receber muita atenção mas, quando está grávida, é tratada como rainha. Pode parecer um comentário maldoso, mas as grávidas gostam dessa atenção. Entende o que eu quero dizer?

– Acho que sim.

– Já tive a minha cota de atenção na vida, eu acho.

Ela se aproximou da janela e olhou para fora por alguns instantes. Então tornou a se virar para ele.

– Aliás, você reparou como meus peitos estão enormes?

– Bem... – Myron começou a dizer, mas resolveu que seria melhor ficar calado.

– Pensando melhor, talvez você devesse entrar em contato com a La-La-Latte e acertar uma nova sessão de fotos.

– Tiradas de ângulos estratégicos?

– Isso. Talvez as belezocas aqui possam render uma ótima nova campanha.

Ela segurou os seios, para o caso de Myron não estar entendendo exatamente a que belezocas estava se referindo.

– O que você acha? – concluiu ela.

– Acho que você está fugindo do assunto – respondeu Myron.

Os olhos dela ficaram marejados.

– Estou tão feliz – ela começou.

– É, bom, eu entendo que isso possa ser um problema.

Isso a fez sorrir.

– Consegui acalmar meus demônios. Cheguei até a fazer as pazes com a minha mãe. Lex e eu não poderíamos estar mais prontos para este filho. Quero que os demônios continuem longe.

Myron se sentou mais ereto na cadeira.

– Você não voltou a usar drogas, voltou?

– Meu Deus, claro que não. Não estou falando desse tipo de demônio. Lex e eu já vimos essa página.

Lex Ryder, marido de Suzze, era uma das metades da banda/dupla musical HorsePower – a metade bem mais apagada, para falar a verdade, se comparada ao incrível carisma do parceiro, Gabriel Wire. Apesar de atormentado, o marido de Suzze era um bom músico, mas sempre estaria para Gabriel como John Oates para Daryl Hall, Andrew Ridgeley para George Michael ou as outras Pussycat Dolls para Nicole Scherz-não sei das quantas.

– De que demônios você está falando, então?

Suzze levou a mão até dentro da bolsa e sacou uma folha que, do outro lado da mesa, parecia uma fotografia. Observou-a durante alguns segundos e a entregou a Myron.

Ele deu uma olhada rápida na imagem e ficou esperando que ela falasse. No fim, só para dizer alguma coisa, afirmou o óbvio:

– É o ultrassom do seu bebê.

– É. Vinte e oito semanas.

Mais silêncio. Myron tornou a quebrá-lo.

– Tem alguma coisa errada com a criança?

– Não, ele é perfeito.

– Ele?

Suzze T. abriu um sorriso.

– Vou ter um garotão.

– Que legal.

– É. Ah, um dos motivos que me fez vir aqui... Lex e eu temos conversado sobre isso. Nós dois queremos que você seja o padrinho.

– Eu?

– É.

Myron não disse nada.

– E então?

Agora quem estava com os olhos marejados era ele.

– Seria uma honra.

– Está chorando?

Myron não respondeu.

– Você é mesmo uma mocinha – disse ela.

– Qual é o problema, Suzze?

– Talvez não seja nada – ela começou a dizer. Mas então arrematou: – Acho que alguém está tentando me destruir.

Myron não tirava os olhos do ultrassom.

– Como?

Então ela lhe mostrou. As três palavras que iriam ecoar dolorosamente em seu coração durante muito, muito tempo.

3

UMA HORA MAIS TARDE, Windsor Horne Lockwood III – conhecido como Win pelas pessoas que o temiam (categoria que incluía quase todo mundo) – entrou na sala de Myron com seu passo largo e cadenciado. Win tinha um caminhar muito exuberante, como se estivesse sempre vestindo cartola preta e fraque e girando uma bengala na mão. Em vez disso, estava usando uma gravata da Lilly Pulitzer verde e rosa, um blazer azul com um brasão e uma calça cáqui com um vinco tão marcado que seria capaz de cortar. Calçava mocassins sem meia e parecia ter acabado de voltar de um passeio no veleiro *Berço de Ouro*.

– Suzze T. esteve aqui – disse Myron.

Win aquiesceu, projetando o maxilar.

– Cruzei com ela na entrada.

– Ela parecia abalada?

– Não reparei – disse Win, sentando-se. – Os peitos dela estão enormes – completou ele.

Win.

– Ela está com um problema – disse Myron.

Win se recostou na cadeira e cruzou as pernas com a desenvoltura habitual.

– Elabore.

Myron girou o monitor para que Win pudesse olhar a tela. Uma hora antes, Suzze T. tinha feito um gesto semelhante. Ele pensou naquelas três palavras. Sozinhas eram praticamente inofensivas, mas tudo na vida depende do contexto. E, naquela situação, as três palavras faziam a sala congelar.

Win apertou os olhos em direção ao monitor e levou a mão até o bolso interno do paletó, sacando seus óculos de leitura. Havia cerca de um mês que começara a usar óculos e, embora Myron achasse impossível, eles faziam seu amigo parecer ainda mais esnobe e pretensioso. E também deixavam Myron deprimido. Win e ele não eram velhos – longe disso – mas, para citar a analogia com o golfe usada por Win na primeira vez em que havia lhe mostrado os óculos: “Agora estamos oficialmente no último *nine* da vida.”

– Isso é uma página do Facebook? – perguntou Win.

– É. Suzze a utiliza para promover a academia de tênis.

Win chegou um pouco mais perto.

– E isso é o ultrassom dela?

– É.

– E como é que um ultrassom vai promover uma academia de tênis?

– Foi o que perguntei. Ela disse que é preciso dar um toque pessoal. As pessoas não querem simplesmente ler textos promocionais.

Win franziu a testa.

– Então ela vai e posta o ultrassom de um feto? – disse, erguendo os olhos da tela. – Faz sentido para você?

Na verdade, não fazia. E mais uma vez – com Win usando seus óculos de leitura e os dois resmungando sobre o admirável mundo novo das redes sociais – Myron se sentiu velho.

– Dê uma olhada nos comentários – disse Myron.

Win lhe lançou um olhar sem qualquer emoção.

– As pessoas comentam um ultrassom?

– Ande logo, leia.

Win leu. Myron ficou esperando. Tinha praticamente decorado aquela página. Havia 26 comentários sobre a foto, em sua maioria votos de felicidades. A mãe de Suzze, uma criatura do mal que não perdia uma chance de aparecer, havia escrito GENTE, VOU SER VOVÓ! URRU!, uma moça chamada Amy tinha comentado AI, QUE GRACINHA!!! e um baterista que costumava tocar com a HorsePower brincara dizendo PARECE COM O PAI! :). Um sujeito chamado Kelvin havia postado um PARABÉNS!! E uma Tami perguntara PARA QUANDO É O BEBÊ, QUERIDA?.

Win parou faltando três comentários para o fim.

– Engraçadinho.

– Qual deles?

– Um bosta em forma de gente chamado Erik escreveu... – Win começou a dizer. Então parou, limpou a garganta e chegou mais perto do monitor. – “O seu bebê parece um cavalo-marinho!” E depois disso o palhaço colocou um “KKK”.

– Não é ele o problema de Suzze.

Win não se acalmou.

– Mesmo assim talvez esse Erik mereça uma visita.

– Continue a ler.

– Está bem.

A expressão facial de Win raramente mudava. Ele havia sido treinado, tanto como profissional quanto como militar, a não demonstrar o que sentia. Mesmo assim, alguns segundos depois, Myron percebeu uma sombra no olhar de seu velho amigo. Win ergueu os olhos. Myron balançou a cabeça, confirmando.

As três palavras estavam bem ali, no final da página, em um comentário feito por “A. Abeona”, um nome que nada significava para ele. A foto do perfil era algum tipo de símbolo, talvez um ideograma. E ali, em maiúsculas, sem pontuação, estavam as três palavras tão simples e, no entanto, tão violentas:

“NÃO É DELE”

Silêncio.

Win então comentou:

– Putz.

– Pois é.

Win tirou os óculos.

– Será que eu preciso fazer a pergunta óbvia?

– Que pergunta?

– Isso é verdade?

– Suzze jura que o pai é Lex.

– E nós acreditamos nela?

– Sim – disse Myron. – Faz diferença?

– Para mim, do ponto de vista moral, não. Quer saber a minha teoria? Isso é obra de algum maluco assexuado.

Myron balançou a cabeça.

– O grande benefício da internet: todo mundo pode se manifestar – disse ele.

– O grande mal dela: todo mundo pode se manifestar.

– A fortaleza dos covardes e anônimos – concordou Win. – Suzze devia apagar esse *post* antes de Lex ver.

– Tarde demais. Isso é parte do problema. Lex meio que fugiu.

– Entendi – disse Win. – E ela quer que nós o encontremos?

– É, e que o levemos de volta para casa.

– Encontrar um astro do rock não deve ser muito complicado – disse Win. –

E qual é a outra parte do problema?

– Ela quer saber quem escreveu o comentário.

– A identidade secreta do Sr. Maluco Assexuado?
– Suzze acha que é mais do que isso. Que alguém está mesmo querendo lhe fazer mal.

Win balançou a cabeça.

– É um maluco assexuado – disse ele.

– Escrever “não é dele”? Que coisa mais doentia!

– Um maluco assexuado *doente*. Você não lê de vez em quando as bobagens que as pessoas escrevem na internet? É só acessar qualquer notícia em qualquer lugar e ver os “comentários” – ele fez as aspas com os dedos – racistas, homofóbicos e paranoicos que elas adicionam. É de deixar qualquer um fora de si.

– Eu sei, mas prometi que verei o que posso fazer.

Win suspirou, tornou a pôr os óculos e se inclinou na direção do monitor.

– A pessoa que postou o comentário é uma tal de A. Abeona. Podemos supor que se trata de um pseudônimo?

– Sim. Abeona é o nome de uma deusa romana. Não faço ideia do que significa o A.

– E a foto do perfil? Que símbolo é esse?

– Sei lá.

– Você perguntou a Suzze?

– Perguntei. Ela disse que não fazia a menor ideia. Parece um ideograma chinês.

– Quem sabe conseguimos encontrar alguém para traduzir?

Win se recostou na cadeira e uniu as pontas dos dedos das duas mãos, formando uma pirâmide.

– Você reparou no horário em que o comentário foi postado?

Myron fez que sim com a cabeça.

– Três e dezessete da manhã.

– Bem tarde.

– Era o que eu estava pensando – disse Myron. – Nas redes sociais, isso deve equivaler a mandar mensagens para o celular de alguém quando se está bêbado.

– Um ex-namorado problemático – comentou Win.

– E existe algum outro tipo de ex?

– E, se bem me lembro da juventude desregrada de Suzze, deve haver vários candidatos... Isso para ser sutil.

– Mas ninguém que ela imagine ser capaz de fazer uma coisa dessas.

Win seguiu encarando o monitor.

– Qual vai ser nosso primeiro passo, então?

– Está falando sério?

– Como assim?

Myron pôs-se a andar por sua sala recém-reformada. Os cartazes de peças da Broadway e as referências a Batman tinham desaparecido. Havia sido retirados durante a pintura e Myron não tinha certeza se queria colocá-los de volta. O mesmo acontecera com seus troféus e prêmios da época do basquete – os anéis recebidos pelos campeonatos universitários, os certificados que a revista *Parade* concedia aos melhores atletas do ensino médio, seu troféu de jogador universitário do ano – todos agora ausentes, com uma única exceção.

Pouco antes de sua primeira partida profissional pelo Boston Celtics, quando seu sonho estava enfim virando realidade, Myron sofrera uma séria lesão no joelho. A *Sports Illustrated* colocara uma foto de Myron na capa com a manchete SERÁ O FIM?. E embora a matéria não respondesse à pergunta, a resposta acabara sendo um sonoro SIM!. Myron não sabia ao certo por que mantinha essa capa emoldurada na parede. Quando alguém lhe perguntava, ele dizia que era um lembrete a qualquer *superstar* do esporte que entrasse em sua sala, para que visse como tudo podia acabar de uma hora para outra. Mas no fundo ele desconfiava de que o motivo fosse um pouco maior.

– Essa não é a sua reação habitual – disse Myron.

– É mesmo?

– Em geral, nessa hora você me lembra de que eu sou agente, não detetive particular, e tenta me convencer de que não há motivos para entrar nessa, porque não vai trazer qualquer benefício financeiro para o escritório.

Win não disse nada.

– Aí você fala que eu tenho complexo de herói e que só me sinto completo quando salvo alguém. E finalmente, ou melhor, recentemente, você diz que minha interferência acabou causando mais mal do que bem e que feri ou mesmo matei talvez mais pessoas do que consegui salvar.

Win deu um bocejo.

– Por favor, diga que já vai chegar ao ponto.

– Achei que estivesse sendo claro, mas é o seguinte: por que é que você de repente está disposto, animado até, a participar dessa missão, quando no passado...

– No passado eu sempre ajudei, não ajudei? – interrompeu Win.

– Na maior parte do tempo, sim.

Win ergueu os olhos e bateu no queixo com o dedo indicador.

– Como posso explicar?

Ele ficou em silêncio, pensou um pouco, balançou a cabeça.

– Temos uma tendência a acreditar que as coisas boas vão durar para sempre – começou Win. – É a nossa natureza. Os Beatles, por exemplo. Ah, eles vão

existir para sempre. *Família Soprano*: este seriado nunca vai ser tirado do ar. A série de romances do Philip Roth protagonizada por Nathan Zuckerman. Shows do Bruce Springsteen. As coisas boas são raras. Precisamos valorizá-las, porque elas sempre acabam cedo demais.

Win se levantou e começou a andar em direção à porta. Antes de sair da sala, olhou para trás.

– Estar nisso com você é uma dessas coisas boas – disse ele.

4

NÃO FOI MUITO DIFÍCIL encontrar Lex Ryder.

Às onze da noite, Esperanza Diaz, sócia de Myron na MB Representações, ligou para ele:

– Lex acabou de usar o cartão de crédito na Three Downing.

Como de costume, Myron estava dormindo no apartamento de Win, em um dos tantos quartos de hóspedes livres no imóvel, que ficava no edifício Dakota, na esquina da Rua 72 com a Central Park Oeste. O prédio fora construído em 1884, o que ficava patente em sua estrutura, cheia de beirais, sacadas, arremates, frontões, balaustradas, meias cúpulas, ferro fundido, arcos, grades rebuscadas, águas-furtadas – uma mistura bizarra que, por algum mistério insondável, em vez de parecer opressora, era harmoniosa e estranhamente perfeita. Parecia uma fortaleza, linda e escura, e causava uma maravilhosa e inexplicável depressão.

– Onde fica isso? – perguntou Myron.

– Você não conhece a Three Downing? – indagou Esperanza.

– Deveria conhecer?

– Deve ser a boate mais badalada de Nova York no momento. É frequentada por *rappers*, até o Diddy, por supermodelos e o pessoal da moda, esse tipo de gente. Fica em Chelsea.

– Sei.

– Estou decepcionada – comentou Esperanza.

– Por quê?

– Um cara da *night* como você não conhece os lugares *in* da cidade.

– Quando Diddy e eu vamos para a balada, a gente usa a limusine branca compridona e entra por garagens subterrâneas. Nunca sei os nomes dos lugares.

– Ou então ter ficado noivo está acabando com o seu estilo – disse Esperanza.

– Quer ir até lá buscá-lo?

- Já estou de pijama.
- Cara da *night*, sei. O pijama é de pezinho?

Myron tornou a verificar o relógio. Podia estar no centro antes da meia-noite.

– Estou saindo.

– Win está em casa? – perguntou Esperanza.

– Não, ele ainda não chegou.

– Então você vai sozinho?

– Está com medo de deixar um gato feito eu sozinho em uma boate?

– Estou com medo de não deixarem você entrar. Encontro você lá em meia hora, na entrada da Rua 17. Vista-se para impressionar.

Esperanza desligou. Myron estava surpreso. Sua amiga, ex-baladeira bissexual de plantão, não saía à noite desde que tivera o filho. Depois de mais de uma década levando um estilo de vida noturno e tão liberal que teria causado inveja ao próprio Calígula, Esperanza tinha parado com tudo, virado a esposa de um hétero convicto, Tom, e tido um filho chamado Hector. Passara de Lindsay Lohan a Carol Brady em quatro segundos e meio. Mas ela sempre levava o trabalho a sério – agora tinha uma participação de 49% na MB Representações e, com todas as viagens de Myron nos últimos tempos, havia carregado a empresa nas costas.

Myron examinou seu guarda-roupa e pensou no que deveria usar em um lugar da moda. Era para se vestir para impressionar, então optou pela alternativa consagrada – calça jeans, blazer azul e mocassim caro, um look casual chique –, principalmente porque era a única roupa sua que preencheria os requisitos necessários. Na verdade, havia pouca coisa em seu armário que fugisse da combinação jeans/blazer e que não fosse um terno propriamente dito, a menos que a intenção fosse ficar parecido com um vendedor de loja de eletrônicos.

Pegou um táxi na Central Park Oeste. Dizem que os taxistas de Manhattan são todos estrangeiros e mal sabem falar inglês. Pode até ser verdade, mas já fazia pelo menos cinco anos que Myron não conversava com um motorista de táxi. Isso porque, apesar das leis recentes, todos, absolutamente todos os taxistas da cidade de Nova York usavam fones de ouvido com Bluetooth 24 horas por dia, sete dias por semana, e, enquanto dirigiam, falavam ao celular em suas línguas maternas. Deixando de lado a falta de educação dessa atitude, Myron sempre se perguntava quem na vida desses homens iria querer passar o dia inteiro ao telefone com eles. Nesse sentido, dava para pensar que eles eram caras de muita sorte.

Myron havia imaginado que fosse deparar com uma fila comprida, uma corda de veludo e coisas do tipo, mas, quando o táxi chegou perto do endereço na Rua 17, não viu qualquer sinal de que houvesse uma boate ali. Por fim, percebeu que

o “Three” – “três” – significava terceiro andar e que “Downing” era o nome do prédio altíssimo à sua frente. Alguém tinha cursado a escola MB Representações de Nomes Literais para Estabelecimentos.

O elevador chegou ao terceiro andar. Logo que as portas se abriram, Myron sentiu no peito a batida forte do grave. A longa fila de gente desesperada para entrar surgia de cara. Supostamente, as pessoas vão a boates assim para se divertir, mas a verdade é que a maioria só fica na fila a noite toda, até acabar voltando para casa com um desagradável lembrete de que ainda não é *cool* o suficiente para dividir a mesa com a galerinha descolada. Os VIPs passam a frente delas sem sequer olhar para o lado e de alguma forma isso as faz querer entrar mais ainda. Havia uma corda de veludo, é claro, para demarcar o perímetro da plebe, que era protegida por três seguranças bombados de cabeça raspada e com a devida cara de mau.

Myron se dirigiu a eles com seu melhor andar *à la* Win.

– Oi, pessoal.

Os seguranças o ignoraram solenemente. O mais alto dos três usava um terno preto sem camisa. Sem camisa. Terno sem camisa. Tinha o peito bem depilado e exibia um decote digno de um metrossexual. Estava lidando com um grupo de meninas que talvez fossem maiores de idade, talvez não. Todas usavam saltos altos demais – com certeza estavam na moda – que lhes davam um andar mais trôpego do que sedutor. Seus vestidos eram tão curtos que elas poderiam ser detidas por atentado ao pudor, mas na verdade não eram nada incomum.

O segurança as examinava como em um teste de elenco. As meninas posavam e sorriam. Myron quase pensou que fossem abrir a boca para ele vistoriar seus dentes.

– Vocês três, tudo bem – disse-lhes o Decotado. – Mas essa sua amiga está fortinha demais.

A amiga fortinha, que devia vestir no máximo 38, começou a chorar. Suas três amigas magras pré-inanição se juntaram em círculo para discutir se deveriam ou não entrar sem ela. A menina saiu correndo, soluçando. As outras deram de ombros e entraram. Os três seguranças sorriram, cruéis.

– Parabéns – disse Myron.

Os sorrisos cruéis se viraram na sua direção. Decotado cruzou olhares com Myron, desafiando-o. Myron retribuiu e não desviou os olhos. Decotado olhou Myron de cima a baixo e, sem dúvida, achou que ele não estava vestido adequadamente.

– Bela roupa – disse o Decotado. – Está indo contestar uma multa no Departamento de Trânsito?

Seus dois colegas, ambos vestidos com camisetas da Ed Hardy tão justas que pareciam torniquetes, gostaram da piada.

– Tem razão – disse Myron, apontando para o decote. – Eu devia ter deixado a camisa em casa.

O segurança à esquerda de Myron formou um Ó de surpresa com a boca.

Decotado estendeu o polegar.

– Fim da fila, camarada. Pensando bem, melhor ir logo embora.

– Eu vim encontrar Lex Ryder.

– Quem disse que ele está aqui?

– Eu.

– E você é?

– Myron Bolitar.

Silêncio. Um dos seguranças piscou. Myron quase gritou: “Arrá, piscou!”, mas se conteve.

– Sou o agente dele.

– Seu nome não está na lista – disse o Decotado.

– E nós não sabemos quem você é – acrescentou Ó de Surpresa.

– Sendo assim... – O terceiro segurança acenou com cinco dedos grossos. – Passar bem.

– Que ironia – disse Myron.

– O quê?

– Será que vocês não entendem a ironia? – perguntou Myron. – Trabalham como porteiros de um lugar onde ninguém nunca os deixaria entrar... e, apesar disso, em vez de entenderem esse fato e agirem como seres humanos, usam esse seu sentimento de inferioridade para se comportarem como babacas.

Mais olhos piscando. Então todos os três leões de chácara avançaram em sua direção, uma gigantesca muralha de músculos. Myron sentiu o sangue correr nas veias. Seus dedos se curvaram, fechando os punhos. Ele os relaxou e tentou controlar a respiração. Os seguranças chegaram mais perto. Myron não recuou. Decotado, o líder, se inclinou na direção dele.

– É melhor você ir andando agora, rapaz.

– Por quê? Por acaso estou meio fortinho? Aliás, falando sério, esta calça jeans deixa minha bunda grande? Pode falar.

A longa fila de pessoas querendo entrar se calou ao ouvir. Os seguranças se entreolharam. Myron repreendeu a si mesmo. Aquilo não estava ajudando em nada. Ele tinha ido lá para buscar Lex, não para puxar briga com um bando de cabeça de esteroides.

Decotado sorriu e falou:

– Ora, ora, parece que temos um engraçadinho aqui.
– É – disse Ó de Surpresa. – Muito engraçado. Rá, rá.
– É – concordou o terceiro. – Você é mesmo engraçado, não é, palhaço?
– Bom, modéstia à parte – respondeu Myron –, também sou um cantor muito talentoso. Em geral começo cantando “The Tears of a Clown”, do Smokey Robinson, sabe qual? “Não deixe minha expressão feliz passar a impressão errada”, depois continuo com uma versão despojada de “Lady”, mais para Kenny Rogers do que para Lionel Richie. Ninguém consegue conter as lágrimas.

Decotado se inclinou mais para perto da orelha de Myron enquanto seus colegas aguardavam.

– Você sabe que vamos ter que chutar você daqui, não sabe?

– E você sabe que tomar bomba faz o saco murchar, não sabe? – rebateu Myron.

Então, atrás dele, Esperanza falou:

– Ele está comigo, Kyle.

Myron se virou, viu Esperanza e conseguiu se controlar para não dizer “uau” em voz alta, mas não foi fácil. Já fazia 20 anos que ele a conhecia, que trabalhava lado a lado com ela, e às vezes, quando você vê alguém todos os dias e fica amigo dessa pessoa, simplesmente esquece quanto ela é incrivelmente bonita.

Quando os dois se conheceram, Esperanza era uma profissional de luta livre que usava roupas minúsculas e era conhecida como Pequena Pocahontas. Linda, ágil e absurdamente gostosa, deixara de ser a sensação da ANIL (Associação Nossas Incríveis Lutadoras) para se tornar assistente particular de Myron enquanto cursava a faculdade de direito à noite. Tinha crescido na empresa, por assim dizer, e agora era sócia na MB Representações.

O rosto de Kyle Decotado se abriu em um sorriso.

– Poca? É você mesma, garota? Que delícia... Se fosse um doce, eu lambia inteiro.

– Quanta delicadeza, Kyle – disse Myron, balançando a cabeça.

Esperanza levantou o rosto para ganhar um beijo de Kyle.

– Prazer em vê-lo, também – disse ela.

– Há quanto tempo, Poca.

A beleza morena de Esperanza evocava imagens de céus enluarados, passeios noturnos pela praia, oliveiras sacudidas por uma leve brisa. Ela estava usando brincos de argola. Seus longos cabelos pretos sempre exibiam uma desordem perfeita. A blusa branca meio transparente tinha sido ajustada por uma divindade generosa. Talvez estivesse com um botão a mais aberto, mas caía bem.

Os três seguranças recuaram. Um deles soltou a corda de veludo. Esperanza

o recompensou com um sorriso ofuscante. Quando Myron foi entrando atrás dela, Kyle Decotado se posicionou de forma a lhe dar um esbarrão. Myron contraiu o corpo para garantir que Kyle recebesse a maior parte do impacto.

– Homens – sussurrou Esperanza.

– Nosso papo ainda não terminou, cara – sussurrou Kyle para Myron.

– Vamos almoçar juntos – disse Myron. – Quem sabe pegamos a matinê de um musical da Broadway?

Enquanto eles entravam, Esperanza olhou para Myron de relance e balançou a cabeça.

– O que foi?

– Falei para se vestir para impressionar. Você parece que está indo à reunião de pais e professores de um aluno da sexta série.

Myron apontou para os próprios pés:

– Com mocassins Ferragamo?

– E por que você estava puxando briga com aqueles brutamontes?

– Ele chamou uma menina de fortinha.

– E você quis salvá-la?

– Bem, não. Mas ele disse isso bem na cara dela. “As suas amigas podem entrar, mas você, não, porque está fortinha.” Que tipo de pessoa faz uma coisa dessas?

O ambiente principal da boate era escuro, com detalhes em neon. Em um dos cantos havia televisores de tela grande porque, afinal de contas, supôs Myron, quando alguém vai a uma boate, na verdade o que quer fazer é ficar vendo televisão. O sistema de som, mais ou menos do mesmo tamanho e dimensões do equipamento usado em um show do The Who em um estádio, agredia os ouvidos. O DJ estava tocando *house music*, prática na qual o “talentoso” artista destrói uma música normalmente razoável acrescentando a ela algum tipo de baixo sintetizado ou batida eletrônica. Havia ainda um show de lasers, algo que Myron achava estar fora de moda desde a turnê do Blue Öyster Cult em 1979. Um enxame de jovens magérrimas se extasiava com os efeitos especiais da pista de dança que expelia fumaça, como se isso não pudesse ser visto na rua, perto de qualquer caminhão.

Myron tentou gritar mais alto do que a música, mas foi inútil. Esperanza o conduziu até uma área mais tranquila – equipada, surpreendentemente, com terminais de acesso à internet. Todos ocupados. Myron balançou a cabeça outra vez. Ir a uma boate para ficar na internet? Ele se virou de novo para a pista de dança. Sob a luz esfumada, as mulheres eram quase todas bonitas, embora muito jovens, vestidas mais como se estivessem brincando de ser adultas do que

como se fossem de fato. A maioria tinha o celular na mão e digitava mensagens de texto com os dedos magros, todas dançando com uma languidez que beirava o coma.

Esperanza exibiu um sorrisinho no rosto.

– O que foi? – indagou Myron.

Ela acenou em direção ao lado direito da pista.

– Olhe só a bunda daquela garota de vermelho.

Myron olhou para as nádegas que dançavam dentro de um vestido vermelho e se lembrou da letra de uma música de Alejandro Escovedo em que ele dizia gostar mais da mulher quando ela ia embora. Fazia tempo que Myron não ouvia Esperanza falar assim.

– Bonita – disse Myron.

– Bonita?

– Espetacular?

Esperanza balançou a cabeça, ainda sorrindo.

– Se eu pego uma bundinha dessas...

Uma imagem surgiu na cabeça de Myron quando ele olhou para a jovem que dançava de uma forma um tanto erótica e depois para Esperanza. Ele se forçou a fazê-la desaparecer imediatamente. Há pensamentos que é melhor não ter quando você precisa se concentrar em outras questões.

– Tenho certeza de que seu marido iria adorar.

– Estou casada, não morta. Ainda posso olhar.

Myron observou o rosto de Esperanza, viu a empolgação nele e teve a estranha sensação de que ela estava de volta ao seu habitat. Dois anos antes, quando o filho nascera, Esperanza havia entrado imediatamente no modo mamãe. De uma hora para outra, sua mesa de trabalho ficara povoada por um pot-pourri de imagens clássicas: Hector com o coelhinho da Páscoa, Hector com Papai Noel, Hector com personagens da Disney e andando nos brinquedos de um parque. Suas melhores roupas de trabalho muitas vezes exibiam manchas de golfada de neném e, em vez de escondê-las, ela adorava contar como a tal mancha tinha ido parar ali. Fazia amizade com mães que antigamente teriam lhe causado repulsa e conversava sobre carrinhos de bebê, escolas, funcionamento intestinal e as idades em que seus rebentos tinham começado a engatinhar/andar/falar. Todo o seu mundo, como o de muitas mães antes dela – e, sim, isso é uma afirmação um tanto sexista –, havia se reduzido à pequena forma representada pelo corpinho de um bebê.

– Mas onde Lex poderia estar? – perguntou Myron.

– Provavelmente em uma das salas VIP.

– Como é que vamos entrar lá?

– Vou abrir mais um botão da blusa – respondeu Esperanza. – Sério, me deixe tentar sozinha um minuto. Vá dar uma olhada no banheiro. Aposto 20 pratas que você não consegue fazer xixi no mictório.

– O quê?

– Aceite a aposta e vá lá – disse ela, apontando para a direita.

Myron deu de ombros e entrou no banheiro. O ambiente era preto, todo de mármore escuro. Ele se aproximou do mictório e entendeu na mesma hora o que Esperanza queria dizer. Os mictórios ficavam de frente para uma enorme parede de espelho falso, como as das salas de interrogatório da polícia. Em suma, dava para ver tudo na pista de dança. As lânguidas mulheres dançavam literalmente a poucos metros dele e algumas usavam o espelho para retocar o visual, sem saber (ou sabendo muito bem) que estavam encarando um homem que tentava se aliviar.

Ele saiu do banheiro. Esperanza tinha a mão estendida com a palma para cima. Myron depositou ali uma nota de 20 dólares.

– Pelo visto seu xixi ainda é tímido.

– O banheiro feminino é assim também?

– Nem te conto.

– E agora?

Esperanza espichou o queixo na direção de um homem de cabelos jogados para trás cheios de gel que vinha deslizando em sua direção. Myron o imaginou preenchendo uma ficha para procurar emprego – *nome: Riquinho Europeu, sobrenome: Baixo Nível* – e observou o chão atrás dele. Talvez houvesse um rastro de gosma.

Riquinho Europeu sorriu com seus dentes de furão.

– Poca, *mi amor*.

– Anton – disse ela, deixando que ele beijasse sua mão com um entusiasmo um pouco excessivo.

Myron temeu que ele pudesse usar os dentes de furão para morder a pele até chegar aos ossos de sua amiga.

– Você continua uma criatura magnífica, Poca.

Ele falava com um sotaque engraçado, talvez húngaro, talvez árabe, que parecia criado sob medida para um esquete de humor. Anton tinha a barba por fazer e os pelos de sua face reluziam de forma desagradável. A boate parecia uma caverna, mas, ainda assim, ele usava óculos escuros.

– Este é Anton – apresentou Esperanza. – Ele disse que Lex está no serviço de garrafa.

- Ah – disse Myron, sem fazer a menor ideia do que fosse o serviço de garrafa.
- Por aqui – disse Anton.

Eles passaram pelo mar de corpos. Esperanza seguia na frente. Myron se divertiu vendo todos os pescoços se virarem para uma segunda avaliação quando a viam. Conforme eles continuaram a atravessar a multidão, algumas mulheres cruzaram olhares com Myron e o encararam, embora não tão frequentemente quanto teria acontecido dois ou cinco anos antes. Ele teve a sensação de ser um lançador de beisebol de idade já avançada que precisava daquele radar específico para saber que suas jogadas estavam perdendo a potência. Ou talvez fosse outra coisa. Talvez as mulheres simplesmente sentissem que Myron agora estava comprometido, que tinha sido tirado do mercado pela linda Terese Collins e, portanto, não podia mais ser tratado como um simples colírio para os olhos.

É, pensou Myron. *Com certeza é isso.*

Anton usou a própria chave e abriu uma porta que dava para outro ambiente – e, pelo jeito, para outra época. Enquanto a boate em si era moderna, reluzente, cheia de ângulos pontiagudos e superfícies lisas, aquela sala VIP parecia um bordel dos Estados Unidos da época colonial. Sofás bordô macios, candelabros de cristal, sancas de couro no teto, velas acesas nas paredes. Uma das paredes da sala também tinha um espelho falso, para os VIPs poderem observar as moças dançando e talvez convidar uma ou duas a se juntarem a eles. Mulheres que pareciam atrizes pornô, com próteses de silicone generosas, corpetes e espartilhos de época circulavam carregando garrafas de champanhe. Myron entendeu o porquê do nome “serviço de garrafa”.

- Está olhando para todas as garrafas? – perguntou Esperanza.
- Ahã, com atenção.

Esperanza aquiesceu e sorriu para uma garçonete particularmente bem-fornida que usava um corselete preto.

- Hum... Até eu aceitaria um serviço de garrafa, se é que você me entende.

Myron refletiu sobre o assunto. Então disse:

– Na verdade, não entendo, não. Vocês duas são mulheres. Não sei se entendi direito a referência a garrafas.

- Meu Deus, como você é literal.

– Você me perguntou se eu estava olhando para todas as garrafas. Por quê?

– Porque essas moças estão servindo champanhe Cristal – disse Esperanza.

– E daí?

– Quantas garrafas você está vendo?

Myron olhou em volta.

– Sei lá, umas 9 ou 10.

– Cada garrafa dessas custa 8 mil dólares, sem contar a gorjeta.

Myron levou a mão ao peito, fingindo um ataque cardíaco. Então viu Lex Ryder esparramado em um sofá com um grupo de beldades. Todos os outros homens na sala VIP tinham pinta de músicos ou *roadies* em idade avançada: longos cabelos ondulados, bandanas, barba e bigode, braços musculosos, barrigas flácidas. Myron abriu caminho entre eles.

– Oi, Lex.

A cabeça de Lex pendeu para o lado. Ele olhou para cima e gritou, em um volume exagerado:

– Myron!

Lex tentou se levantar, mas não conseguiu, então Myron lhe estendeu a mão. Ele a segurou, ficou de pé e abraçou Myron com o entusiasmo sentimentalóide que os homens exibem quando bebem demais.

– Cara, como é bom ver você.

A HorsePower tinha começado como uma banda de fundo de quintal em Melbourne, Austrália, onde Lex e Gabriel nasceram. O nome era inspirado no sobrenome de Lex, Ryder, que foneticamente significava “cavaleiro”, e no sobrenome de Gabriel, Wire, que significava “fio”: daí HorsePower, “cavalo-vapor”, como a unidade de medida de potência. No entanto, desde o primeiro dia, Gabriel se tornara o astro da dupla. Não havia dúvidas de que ele possuía uma linda voz, era bonito e dotado de um carisma quase sobrenatural – e, além de tudo, tinha também aquele quê indescritível que alça um ídolo à condição de lenda.

Myron volta e meia pensava em como devia ser difícil para Lex – ou para qualquer um – viver sob essa sombra. É claro que Lex também era rico e famoso. Tecnicamente falando, todas as músicas eram produções conjuntas da dupla, embora Myron, que controlava as finanças deles, soubesse que a parte de Lex era de 25% e a de Gabriel, 75%. E é claro que as mulheres o paqueravam e os homens queriam ser seus amigos, mas Lex era também o motivo de zombaria preferido de todo fim de noite, o final de todas as piadas sobre como um coadjuvante podia chegar ao ponto de ser quase desnecessário.

A HorsePower ainda era uma banda importante, talvez mais do que nunca, embora Gabriel Wire tivesse saído de cena depois de um trágico escândalo fazia mais de 15 anos. Com exceção de algumas fotos de *paparazzi* e muitos boatos, Wire praticamente não dera sinal de vida durante todo esse tempo – nenhuma turnê, nenhuma entrevista, nenhuma matéria na imprensa, nenhuma aparição em público. E todo esse segredo só deixava o público ainda mais ávido por ele.

– Acho que está na hora de ir para casa, Lex.

– Ah, Myron – respondeu Lex, com uma voz arrastada que Myron torceu para que significasse apenas uso de álcool. – Deixa disso. Nós estamos nos divertindo. Não estamos nos divertindo, pessoal?

As pessoas em volta fizeram ruídos diversos expressando sua concordância. Myron olhou ao redor. Talvez tivesse visto um ou dois daqueles caras antes, mas o único que conhecia com certeza era Buzz, guarda-costas/assistente pessoal de Lex havia muito tempo. Buzz cruzou olhares com Myron e deu de ombros, como quem diz: o que se há de fazer?

Lex passou o braço ao redor de Myron, laçando-o pelo pescoço como a alça de uma câmera fotográfica.

– Sente-se, amigão. Vamos tomar um drinque, relaxar, desestressar.

– Suzze está preocupada com você.

– Está mesmo? – retrucou Lex, arqueando uma das sobrancelhas. – E mandou o garoto de recados dela vir me buscar?

– Tecnicamente falando, também sou o seu garoto de recados, Lex.

– Ah, os agentes. A mais mercenária das profissões.

Lex estava usando uma calça preta e um colete de couro negro. Parecia ter acabado de fazer compras em uma loja especializada em roupas de roqueiro. Seus cabelos, agora grisalhos, estavam cortados bem curtos. Deixando-se despençar de volta no sofá, ele repetiu:

– Sente-se, Myron.

– Por que não vamos dar uma volta, Lex?

– Você não é o meu garoto de recados também? Eu disse para sentar.

Ele tinha certa razão. Myron encontrou um lugar no sofá e se deixou cair devagar, afundando nas almofadas. Lex girou um botão à sua direita e diminuiu o volume da música. Alguém estendeu uma taça de champanhe a Myron e deram um pouco do líquido dentro.

A maioria das mulheres de corselete – um *look* que, convenhamos, funciona independentemente da época – havia desaparecido sem fazer muito alarde, como se houvessem se fundido nas paredes. Esperanza estava de papo com a garçonne que tinha chamado sua atenção antes. Os outros homens da sala observavam a paquera com o mesmo fascínio de homens das cavernas vendo fogo pela primeira vez.

Buzz fumava algo com cheiro, hum, estranho. Olhou para Myron pronto para lhe passar o cigarro, mas Myron fez que não com a cabeça e virou-se para Lex, que estava recostado nas almofadas como se tivesse tomado um relaxante muscular.

– Suzze mostrou o *post* para você? – perguntou ele.

– Mostrou.

– E o que você acha, Myron?

– Acho que é um maluco qualquer fazendo uma brincadeira.

Lex sorveu um grande gole de champanhe.

– Acha mesmo?

– Acho – respondeu Myron –, mas, seja como for, estamos no século XXI.

– Como assim?

– Isso não é nada de mais. Se estiver tão preocupado assim, pode pedir um teste de DNA e ter certeza quanto à paternidade.

Lex aquiesceu devagar antes de tomar outro gole. Myron tentou não pensar como agente, mas a garrafa tinha capacidade para 750ml, mais ou menos 25 doses de 30ml, o que, considerando 8 mil dólares por garrafa, equivalia a 320 dólares por dose.

– Ouvi dizer que você agora está noivo – disse Lex.

– É.

– Vamos brindar a isso.

– Ou tomar só um golinho. Vai sair mais em conta.

– Relaxe, Myron. Eu sou padre de rico.

Era verdade. Os dois brindaram.

– Então, Lex, por que está chateado?

Lex ignorou a pergunta.

– Por que é que eu ainda não conheço a sua futura esposa?

– É uma longa história.

– Onde ela está agora?

– Fora do país – Myron respondeu, vagamente.

– Posso lhe dar um conselho em relação ao casamento?

– Que tal: “Não acredite em boatos idiotas da internet sobre paternidade”?

Lex sorriu.

– Boa.

– Que nada.

– Mas o meu conselho é o seguinte: sejam sinceros um com o outro. Totalmente sinceros.

Myron aguardou. Quando Lex não disse nada, perguntou:

– Só isso?

– Esperava algo mais profundo?

Myron deu de ombros.

– É, mais ou menos.

– Tem uma música que eu adoro – disse Lex. – Ela diz: “O coração é como um paraquedas.” Sabe por quê?

– Acho que a letra fala sobre a mente ser parecida com um paraquedas: só funciona quando aberta.

– Não, conheço essa aí também, mas a minha é melhor: “Seu coração é como um paraquedas: só abre quando você cai.” – disse, sorrindo. – Muito boa, né?

– É, sim.

– Todos nós temos amigos na vida, tipo, bem, olhe só esses meus amigos aqui. Eu adoro esses caras, apronto todas com eles, nós conversamos sobre o tempo, sobre esporte e sobre mulher, mas, se eu passasse um ano sem encontrá-los, ou até mesmo se nunca mais os visse na vida, não faria muita diferença. É assim com a maioria das pessoas que conhecemos.

Ele tomou outro gole de champanhe. A porta atrás deles se abriu e um grupo de mulheres entrou dando risadinhas. Lex balançou a cabeça e elas tornaram a desaparecer porta afora.

– Aí – continuou ele –, de vez em quando, você tem um amigo de verdade. Como o Buzz. Nós conversamos sobre tudo. Conhecemos a verdade um do outro, cada defeito doentio ou perverso. Você tem amigos assim?

– Esperanza sabe que meu xixi é tímido – disse Myron.

– O quê?

– Nada. Continue. Sei do que você está falando.

– Então, amigos de verdade. Você deixa que eles saibam o que há de pior dentro da sua cabeça. Tudo o que há de mais repugnante.

Lex se sentou, agora embalado pelos pensamentos.

– E sabe o que é mais estranho nesse tipo de relação? Sabe o que acontece quando você se abre totalmente e deixa o outro ver que você é uma pessoa decadente?

Myron fez que não com a cabeça.

– O seu amigo gosta ainda mais de você. Com todas as outras pessoas, você arma uma fachada e esconde as coisas ruins para que elas gostem de você. Mas com os amigos de verdade você revela seu pior lado e isso acaba conquistando o afeto deles. É quando deixamos cair a fachada que conseguimos nos conectar aos outros. Então eu pergunto a você, Myron: por que não fazemos isso com todo mundo?

– Sinto que você já vai me dar a resposta.

– Quem me dera eu soubesse.

Lex tornou a se recostar, tomou um gole grande e inclinou a cabeça, pensativo.

– O negócio é o seguinte: por definição, a fachada é uma mentira. Na maior parte do tempo, isso não tem problema. Mas se você não se abrir para a pessoa que mais ama, se não mostrar suas falhas, nunca vai conseguir uma ligação

verdadeira com ela, porque isso é esconder segredos. E os segredos apodrecem e destroem tudo.

A porta tornou a se abrir. Quatro mulheres e dois homens entraram cambaleando, dando risadinhas, sorrindo e segurando um champanhe de preço indecente.

– E que segredos você está escondendo de Suzze? – quis saber Myron.

Lex só fez balançar a cabeça.

– É uma via de mão dupla, parceiro.

– Que segredos Suzze está escondendo de você, então?

Lex não respondeu. Estava olhando para o outro lado da sala. Myron se virou para acompanhar seu olhar.

E foi então que a viu.

Ou pelo menos pensou ter visto. Foi questão de um piscar de olhos, naquela sala cheia de fumaça e iluminada por velas. Havia 16 anos que Myron não a via, desde aquela noite de nevasca. Lembrava-se da barriga inchada, das lágrimas no rosto, do sangue entre os dedos dela. Não acompanhava as notícias, mas, pelo que sabia, os dois estavam morando em algum lugar da América do Sul.

Seus olhares se cruzaram por um segundo, não mais do que isso. E, por mais impossível que parecesse, Myron teve certeza de que era ela.

– Kitty?

Sua voz foi abafada pela música, mas Kitty não hesitou. Seus olhos se arregalaram um pouco – de medo, talvez – e então ela virou as costas e saiu correndo. Myron tentou se levantar depressa, mas o sofá macio demais atrapalhou seus movimentos. Quando conseguiu, Kitty Bolitar – sua cunhada, a mulher que havia tirado tanta coisa dele – já tinha saído porta afora.

5

MYRON SAIU CORRENDO atrás dela.

Quando chegou à saída da sala VIP, uma imagem lhe veio à cabeça: Myron aos 11 anos e seu irmão Brad aos 6, com seus cachos incontroláveis, ambos no quarto que dividiam, jogando basquete. A cesta era feita de um papelão fino e a bola não passava de uma espuma redonda. O aro ficava preso ao alto da porta do armário por duas ventosas laranja que eles precisavam lamber para fazê-las aderir. Os irmãos passavam horas jogando, inventando partidas e atribuindo apelidos e personalidades um ao outro. Havia Sam Cestinha, Jim do Pulo e Lenny Saltador. Como Myron era o mais velho, controlava a brincadeira toda,